

Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero¹

Ângela Felippi²

Ana Carolina Escosteguy³

1 Texto originalmente apresentado durante o 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em novembro de 2012, em Curitiba.

2 Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). angelafe@unisc.br

3 Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-RS e pesquisadora do CNPq. carolad@pucrs.br

Resumo

O artigo apresenta uma abordagem teórica e metodológica do jornalismo a partir dos estudos culturais. A proposição trata o jornalismo a partir de uma perspectiva cultural, levando em conta a integralidade do circuito comunicativo – produção, texto e consumo. Como exemplo de um protocolo metodológico desse tipo, toma-se o *mapa noturno* de Jesús Martín-Barbero (2003), no qual o olhar científico sobre o jornalismo é feito abordando o processo comunicacional e suas mediações, ou seja, na sua totalidade e complexidade. Como conclusão, tem-se a reivindicação de uma análise cultural do jornalismo mais como um desafio teórico do que efetivamente um modelo metodológico a ser seguido.

Palavras-chave

Jornalismo, estudos culturais, metodologia.

Abstract

This article brings up the discussion about the theoretical and methodological approach to journalism based on cultural studies. Our proposition is to look at journalism from a cultural point of view, taking into consideration the wholeness of the communicative circuit. As an example of a methodological proposal associated with a cultural perspective, we take Jesús Martín-Barbero's (2003) *mapa noturno*, in which the scientific view at journalism focuses on the communicational process and its mediations, that is, in its wholeness and complexity. To conclude we claim for a cultural analysis of journalism, more as a theoretical challenge than as a methodological model to be followed.

Keywords

The press, cultural studies, methodology.

Nosso interesse, aqui, é explorar uma aproximação entre dois campos: o do jornalismo e o dos estudos culturais. Justifica-se essa opção tendo em vista a pretensão de tratar a prática jornalística, seus processos e produtos, como fenômeno cultural, situado em circunstâncias específicas e, por essa razão, variável. Esse entendimento pressupõe, ainda, uma vinculação entre sistemas simbólicos e relações de poder e, por sua vez, privilegia uma versão de estudos culturais que dá preferência à materialidade social da cultura e a sua dimensão simbólico-política, ao contrário de outras versões que enfatizam sua materialidade estética.

O entrecruzamento entre jornalismo e estudos culturais é uma via possível para um tratamento diferenciado da prática jornalística, suas rotinas e produtos, embora em sua trajetória os estudos culturais tenham menosprezado o jornalismo como objeto de estudo ao privilegiarem a produção cultural associada ao entretenimento. Hoje, o esmaecimento das fronteiras entre esses dois âmbitos é mais um elemento que sustenta a pertinência da incorporação do jornalismo como objeto de estudo desse tipo de enquadramento.

Pretende-se apresentar uma alternativa teórico-metodológica para implementar uma investigação desse gênero. Neste caso, valemo-nos do *mapa noturno* de Jesús Martín-Barbero (2003) que, embora não tenha sido proposto exatamente nessa direção, oferece uma opção já validada em outras áreas ou subáreas da pesquisa em comunicação.

De um lado, a afinidade entre a proposição de Martín-Barbero e a análise cultural, filiada aos estudos culturais, diz respeito à compreensão de que “a inscrição da comunicação na cultura deixou de ser mero assunto cultural, pois é tanto a economia como a política as que estão comprometidas com o que aí se produz” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 224). Portanto, a proposição do autor reafirma as relações entre comunicação, cultura e política, destacando também a centralidade dos meios nessa totalidade (MARTÍN-BARBERO, 2002).

De outro, refere-se ao próprio entendimento global do processo comunicativo, no qual o que se almeja é uma visão integrada da produção, circulação e recepção que preserve a dinâmica e as particularidades do processo comunicativo, sem recorrer ao isolamento de suas partes, procedimento bastante usual tanto nos estudos de comunicação como nos estudos de jornalismo. E, com essa meta, investigar a comunicação a partir dos atores sociais – sejam produtores/jornalistas e receptores/leitores – inseridos em determinadas condições sociais concretas. O autor reivindica que sua proposta trata do estudo da comunicação, portanto, não há nenhum impedimento para que o jornalismo seja analisado por essa via. Ao contrário, para autores como Dahlgren (1992), por exemplo, esse posicionamento epistemológico favorece o entendimento do jornalismo como forma simbólica que, também, articula lógicas de produção e de recepção.

No nosso caso, a constituição de uma perspectiva cultural do jornalismo demanda o entendimento de uma determinada prática em estudos culturais. Tal prática foca na tensão entre a capacidade criativa e produtiva dos sujeitos e o peso das determinações estruturais como dimensão substantiva na limitação de tal capacidade. Em outros termos, o desafio colocado é como tratar das estruturas constituindo os sujeitos sem perder de vista a experiência desses mesmos sujeitos. Como manter na análise tanto o peso objetivo das instituições – neste caso, a mídia –, revelado também nos seus produtos, quanto a capacidade subjetiva dos atores sociais, sejam os próprios jornalistas ou seus leitores? Enfatiza-se a incorporação dos sujeitos envolvidos, não só na produção jornalística, mas também na recepção.

Para alcançar essa abordagem, em primeiro lugar, descrevemos sinteticamente o modo como os estudos de jornalismo se desenvolveram, sobretudo, entre nós. Em segundo, apresentamos a proposição de Martín-Barbero e, no final, concluímos sobre sua pertinência se almejamos a constituição de uma

abordagem cultural aplicada ao jornalismo. Retomamos a proposta de Martín-Barbero, apesar de possíveis insuficiências, já apontadas em algumas críticas em circulação – como por exemplo em V. Ronsini (2011) –, pois consideramos que suas potencialidades ainda se sobrepõem aos seus limites.

O percurso dos estudos de jornalismo

O jornalismo tem sido objeto de estudo praticamente desde seu surgimento como prática profissional, muito embora a pesquisa tenha tido maior desenvolvimento desde a metade do século XX com o seu reconhecimento como objeto científico (MACHADO, 2005). Com um olhar retrospectivo, Wahl-Jorgensen e Hanitzsch (2009) identificam quatro fases na história da pesquisa do jornalismo: a pré-história, “a virada empírica”, “a virada sociológica” e “a guinada global comparativa”.

A primeira, se constitui como a deflagradora desse interesse e se originou fundamentalmente na Alemanha, em meados do século XIX, com K. Marx, F. Tonnies e M. Weber. A segunda, já se concentrou nos processos e estruturas da produção da notícia, bem como com quem está envolvido nesse circuito. Os autores complementam que, nos Estados Unidos, o estudo do jornalismo nasceu vinculado à educação profissional e, a partir de 1950, teve seu ímpeto renovado com o empuxo da *Mass Communication Research*. Isto fez com que se constituísse fundamentalmente como pesquisa administrativa. Já, nos anos 70 e 80, eles identificam uma maior influência da sociologia e da antropologia, o que modifica o foco da pesquisa, constituindo-se um engajamento mais crítico e uma atenção especial com “a crescente importância do popular no mundo das notícias” (WAHL-JORGENSEN e HANITZSCH, 2009, p. 6). Essa seria a terceira fase onde, também, poderia ser observada a pavimentação da perspectiva cultural via as análises, por exemplo de James Carey, Stuart Hall, John Hartley, Michael Schudson, entre outros. E, por fim, nos anos 90, apontam a existência de uma perspectiva de caráter mais global que tenta desenvolver estudos

comparados sobre o jornalismo em diversos países. Embora o olhar dos autores privilegie o contexto anglo-americano, observa-se que, apesar da existência de defasagem e de certa escassez em algumas das vertentes citadas, talvez seja possível identificar um desenvolvimento similar nos estudos de jornalismo no nosso contexto, daí a validade de recuperar tal avaliação.

De toda forma, o contexto de legitimação dos estudos de jornalismo se dá concomitantemente ao desenvolvimento das indústrias culturais e do próprio jornalismo em distintos suportes, como também acompanhando a regulamentação da prática profissional e, principalmente, a criação dos cursos superiores em Jornalismo. No caso latino-americano, é a partir da metade do século XX que esses movimentos têm ocorrência. No Brasil, o primeiro curso de graduação em Jornalismo é criado em 1947, na Faculdade Cásper Líbero, e a pós-graduação em Comunicação *stricto sensu*, abarcando os estudos de jornalismo, em 1972, na Universidade de São Paulo.

Silva (2008) aponta o final do século XIX e início do XX como momento do surgimento da pesquisa em jornalismo no Brasil, no período, capitaneada por historiadores por meio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Estes estudos eram historiográficos, sendo então substituídos por pesquisas de caráter jurídico, que predominam até a abertura dos cursos de graduação em Jornalismo, quando aparecem os “trabalhos de natureza conceitual sobre a prática (...) e manuais para o ensino das técnicas do jornalismo” (SILVA, 2008, p. 91).

O mesmo autor atribui a existência de fato de pesquisa sistemática e acadêmica sobre o jornalismo no Brasil a partir dos anos 70. E, entre os anos 90 e a atualidade, registra-se um período de grande crescimento, inclusive de pesquisadores, de grupos de pesquisa, de revistas especializadas e de associações científicas, decorrência da ampliação do ensino superior privado e público e, conseqüentemente, da multiplicação dos programas de pós-graduação. Registram-se alguns momentos importantes, já no século XXI, como os da criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

(SBPJor), em 2003, do lançamento da revista científica editada em português e inglês, com versão *online*, a Brazilian Journalism Research, da SBPJor, em 2005, e do primeiro mestrado em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2007.

Neste cenário, em vários países, associações científicas reivindicam para os estudos de jornalismo o *status* de ciência autônoma, mesmo que dentro de um campo maior das Ciências da Comunicação. E sistematizam-se as Teorias do Jornalismo como um conjunto de conceitos, teorias e metodologias de abordagem do jornalismo como objeto científico. Referindo-se ao caso brasileiro, E. Machado menciona que na virada para o século XXI, o jornalismo estava legitimado como disciplina científica, pois tinha “1) definição do objeto; 2) adaptação de metodologias; 3) incorporação como disciplina acadêmica; 4) titulação dos pesquisadores; 5) criação de fóruns para discussão das pesquisas; 6) grupos de pesquisa; 7) edição de periódicos científicos” (2007, p. 58).

No entanto, a reflexão acadêmica tem se centrado na prática jornalística, e dentro dela, sobretudo, na produção e no produto jornalístico. Com muito menor incidência, há estudos de recepção e de circulação. Em decorrência, tem-se como principais metodologias utilizadas: a etnografia da produção, o *newsmaking*, a entrevista, a análise de conteúdo, a análise pragmática da narrativa, a análise de discurso, a observação e as ‘análises’ de imagem (de orientação semiótica ou outra). Amparando essas metodologias, estão referenciais teóricos considerados próprios e incluídos nas chamadas Teorias do Jornalismo e outros cunhados em distintas ciências (sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, economia etc.). Talvez seja essa a razão para Zelizer (2009, p. 35) identificar cinco tipos de investigação: jornalismo e sociologia, jornalismo e história, jornalismo e linguagem, jornalismo e ciência política, sendo a quinta vertente a análise cultural, “o *bad-boy* do bairro” (ZELIZER, 2009, p. 38).

E. Machado (2005), num apanhado sobre a trajetória da pesquisa em jornalismo no Brasil, aponta as principais linhas de pesquisa, dentro de

programas de pós-graduação em Comunicação, como sendo: história do jornalismo, teorias do jornalismo, análise do discurso, produção da notícia, recepção, jornalismo especializado, jornalismo digital e teorias da narrativa. Nos estudos de jornalismo, a prática profissional é o objeto científico. Contudo, a questão não é completamente naturalizada, sendo alvo de reflexão por parte de pesquisadores. “O primeiro movimento na direção do conhecimento sobre o jornalismo vai do saber pelo exercício da profissão a um saber formulado como conhecimento, prescrição ou orientação” (BERGER, 2010, p. 19).

Outra questão relevante nos estudos de jornalismo é o fato de terem sido acolhidos, em grande parte e na maioria dos países, nos centros de pesquisa das Ciências da Comunicação. Isso fez, com certeza, com que fossem influenciados pelos movimentos teóricos (e metodológicos) das pesquisas em comunicação. No caso da América Latina, nas universidades, os estudos de jornalismo tiveram influência, durante sua estruturação como campo acadêmico, especialmente das pesquisas funcionalistas e das abrigadas na perspectiva da Escola de Frankfurt.

No caso da influência da teoria crítica, Berger (1999) acredita na existência de uma perspectiva latino-americana de pesquisa sobre comunicação de massa, nas décadas de 1960 e 70, e atenta para a emergência de algo autóctone, forjado na realidade do subcontinente a partir dos anos 60. O período é de emergência das indústrias culturais, localizada num processo de modernização da economia e de ditaduras. A pesquisadora entende isto como sendo as condições sociais que moldam as construções teóricas latino-americanas e que lhe garantem uma perspectiva muito particular: a pesquisa crítica e de denúncia. É dessa forma que o estudo da “comunicação dominada” desemboca em duas vertentes de pesquisas da Comunicação: “1. Estudos da estrutura de poder dos meios e comunicação - transnacional e nacional - e as estratégias de dominação nos países capitalistas; 2. Estudos sobre as formações discursivas e as mensagens da cultura de massas desde suas estruturas de significação” (BERGER, 1999, p. 6). Ainda, para a autora, a “convergência da análise ideológica com a da teoria da dependência econômica tornava clara e concreta a complexa rede de dominação” (BERGER, 1999, p. 5).

Muito embora esses estudos fossem em torno da comunicação de massa, o jornalismo foi objeto das (re)leituras de Frankfurt feitas na América Latina, uma vez que era um componente da “Indústria Cultural”⁴. Das duas vertentes de pesquisa mencionadas no parágrafo anterior, em meio ao que atualmente é hegemônico nos estudos acerca do jornalismo, permanecem as pesquisas relacionadas ao conteúdo ou ao discurso das “mensagens jornalísticas” e aquelas relacionadas à chamada economia política da mídia. E, infere-se que ambas perspectivas abrem caminho para o enfoque adotado neste artigo: pensar os estudos de jornalismo como parte da cultura e sendo, assim, constituinte e constituído na relação com a economia e a política. Ou seja, nas simbioses e mútuas influências do simbólico com o concreto, sócio-histórico. Ao apresentar a proposta de Martín-Barbero que assume essa perspectiva, exploramos sua vinculação com o que já vem sendo denominado, em outros quadrantes, como “análise cultural do jornalismo” (ZELIZER, 2009).

O mapa noturno das mediações e o jornalismo

A proposta que se segue é uma entrada possível para os estudos de jornalismo a partir da análise cultural, tomando o mapa das mediações, proposto por Jesús Martín-Barbero, no livro *Dos meios às mediações*, de 1987, e revisitado pelo autor no prefácio da quinta edição da obra, em 1997. O autor aborda o processo de comunicação a partir da sua integralidade, sem etapas estanques, mas sim “momentos” relacionados e interligados, atravessados por mediações. O que fazemos neste artigo é tomar esse esquema metodológico⁵, genericamente proposto para os processos comunicacionais-midiáticos, e adequá-lo ao estudo do jornalismo⁶.

4 É decorrente desse contexto, por exemplo, *O capital da notícia*, de autoria de Ciro Marcondes Filho (São Paulo: Ática, 1986) e *O segredo da pirâmide*: para uma teoria marxista do jornalismo, de Adélmo Genro Filho (Porto Alegre: Tche, 1987).

5 Em direção oposta à desenvolvida por V. Ronsini (2011), reivindica-se que, embora a proposição de J. Martín-Barbero não contemple os métodos a serem utilizados em cada mediação nem tenham sido desenvolvidas estratégias metodológicas próprias, tal ausência não compromete seu caráter teórico-metodológico.

6 A tomada do *mapa noturno* para o estudo do jornalismo foi realizada por uma das autoras deste artigo em sua tese

Quando Martín-Barbero propôs sua teoria das mediações buscava deslocar o olhar dos pesquisadores latino-americanos em relação aos meios – especialmente dos estudos focados na produção e no conteúdo da mídia, orientados pela teoria crítica ou pelo funcionalismo –, e voltá-lo para o entorno dos meios. Incorporar as mediações significou incorporar toda uma dinâmica social, cultural, política e econômica no refletir a mídia e fazê-la com a compreensão processual. Nesta, o simbólico e o concreto se imiscuem e interferem na produção, no gênero, no consumo e nas relações sociais. Os estudos latino-americanos foram muito impactados pela teoria das mediações, inclusive com uma virada do foco situado na produção e no conteúdo para aquele da recepção, de modo até a confundir as mediações como sendo elementos componentes exclusivamente da recepção (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005).

Nos anos que sucederam à publicação de *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero avançou incorporando novas mediações e redesenhando o mapa metodológico inicial. No entanto, aqui, os desenvolvimentos mais recentes não são problematizados⁷. A visada de dez anos após o lançamento da obra, que é incorporada neste artigo, complexifica a tentativa de apreensão do processo comunicacional. Sendo assim, o *mapa noturno* – como o autor o chama – traça um caminho que vai das matrizes culturais, passa pelo modo de produção, pelos formatos industriais e vai às competências de recepção ou consumo, fechando o círculo de volta às matrizes (embora o autor estabeleça uma relação diacrônica entre matrizes e formatos e uma relação sincrônica entre produção e consumo), tendo como mediações a institucionalidade, a tecnicidade, a ritualidade e a socialidade.

de doutorado (FELIPPI, 2008). E, especificamente, as mediações da tecnicidade e ritualidade são pesquisadas por A. Knewitz (2010), bem como a institucionalidade, tecnicidade e ritualidade por Vargas (2013). Todas as pesquisas citadas contemplam diferentes práticas de jornalismo – jornalismo impresso, online e telejornalismo.

7 Tendo em vista o objetivo deste artigo, consideramos que a proposição aqui detalhada é mais produtiva do que a apresentada na revista Pesquisa online FAPESP. Ver <http://revistapesquisa2.fapesp.br/?art=3933&bd=1&pg=4&lg=>. Acessado em: 31 out. 2012.

O mapa é apresentado graficamente através de um círculo (ou circuito):



Figura 1: Mapa das Mediações.

Fonte: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p. 16.

A riqueza do *mapa noturno* para os estudos de jornalismo consiste nas inúmeras possibilidades que ele oferece para a compreensão desta prática profissional e suas relações com a cultura, entendida a partir de Raymond Williams, como o “fazer da sociedade é a busca dos significados e direções comuns, e eles surgem no ativo debate e no aperfeiçoamento pressionado pela experiência, contato e descoberta, escritos eles mesmos na terra” (1993, p. 6, tradução nossa)⁸. Contudo, a importância de incorporar a proposta das mediações diz respeito, sobretudo, à introdução de outra dimensão, a simbólica. Sendo assim, o jornalismo ou a prática jornalística deixa de ser vista meramente com função informativa e/ou descritiva da realidade para passar a ser vista como um sistema simbólico que ensina sobre valores, padrões, guias de uma dada cultura e, portanto, assumindo uma importância distinta na totalidade social.

8 “(...)The making of a society is the finding of common meanings and directions, and its growth is an active debate and amendment under the pressure of experience, contact, and discovery, writing themselves into the land” (WILLIAMS, 1993, p. 6).

Explorando o *mapa noturno* para os estudos de jornalismo faz-se um exercício de adequação desta proposta para o processo jornalístico. Inicia-se pela *produção*, momento para o qual o autor aponta a competitividade industrial, a competência comunicativa/interpelação, os níveis e fases de decisão, as ideologias profissionais e as estratégias de comercialização. Ele é mediado pela institucionalidade e pela tecnicidade. Neste momento importa estudar aquilo que estrutura a produção, aquilo que deixa vestígios no formato e os modos como são semantizadas e recicladas as demandas oriundas dos “públicos” e seus diferentes usos. Relacionado à produção, pode-se centrar o estudo nas relações de trabalho e nas hierarquias, na rotina produtiva, nos valores-notícia, nas pressões dos poderes político e econômico (e dos setores comercial e de circulação da organização midiática em pauta) sobre os jornalistas, na incorporação de tecnologia à produção, entre outros aspectos.

A mediação da *institucionalidade* é entendida como a mediação que afeta a regulação dos discursos, que dá conta das relações de poder dos grupos sociais, políticos e econômicos e suas tentativas, sucessos e fracassos na instância da produção dos meios. Ao atentar para tal mediação, os estudos de jornalismo vão compreender as pressões sociais e políticas sobre a produção, as “institucionalidades”, o que está instituído, em termos de regulação social por meio de leis e normas e como isso incide na produção e depois no gênero.

Uma análise apurada da institucionalidade pode garantir a apreensão do poder das estruturas tanto do capital, quanto do Estado na regulação da vida social e, também, nos modos de ser. De outro lado, torna-se, também, importante retê-la porque a dimensão da regulação perdeu realce diante da efetividade política das práticas de (re)interpretação da realidade simbólica dos discursos midiáticos, realizadas pelos sujeitos, sobretudo, nos estudos de recepção.

A mediação da *tecnicidade* está ligada à capacidade que os meios têm de inovar tecnicamente seus formatos, à sua competitividade tecnológica ou

industrial. A tecnicidade explica o “[...] novo estatuto social da técnica, o restabelecimento do sentido do discurso e da práxis política, o novo estatuto da cultura e os avatares da estética” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 19). A tecnicidade no momento pelo qual passa o jornalismo é uma mediação fundamental, dada a avassaladora incorporação tecnológica das últimas décadas. Permite estabelecer a relação da incorporação da tecnologia dentro das limitações financeiras e infraestruturais da mídia em estudo (economia) e com os usos possíveis por parte do receptor (consumo), inclusive nas novas relações estabelecidas com a produção.

Os *formatos industriais*, gramáticas discursivas cujo produto final traduz os conteúdos em seus suportes, estão em permanente movimento de intertextualidade e intermedialidades, que apresentam resíduos, inovações, modernidades e anacronias em relação às suas formas originais. Os formatos industriais, materializados nos gêneros jornalísticos, têm matrizes culturais, e, no caso dos referentes à mídia, em sua maioria vem do popular (MARTÍN-BARBERO, 2003). No jornalismo, os estudos podem centrar-se nos gêneros ou no discurso ou conteúdo, compreendendo-os como produto de um fazer jornalístico, relacionados (diacrônicamente) com as matrizes culturais, e direcionados para a recepção, numa relação de mútua influência, em que o consumo gera novas pistas à produção e desemboca em mudanças no produto, assim como o produto “molda” o consumo, uma vez que trazem as características dos gêneros, vêm em certas plataformas de recepção (suportes) e contém discursos constituídos de ideologias e atravessados pelas relações de poder.

Nesse sentido, fazendo a ligação entre os formatos industriais com o momento das *competências de recepção ou consumo* do mapa de Martín-Barbero, há a mediação da *ritualidade*. Essa mediação dá conta da articulação da memória para a leitura das notícias, está relacionada à competência comunicativa cultural do veículo e às possibilidades de decodificação do receptor, e engloba, também, os “ritos” de leitura. Dá conta de como os produtos jornalísticos são consumidos — do processo de “leitura”, dos espaços de consumo, da forma de consumo

(individual ou coletiva, por exemplo), dos efeitos do formato jornalístico sobre o receptor (credibilidade, sentido de veracidade). A ritualidade é a mediação que sustenta o processo de comunicação, ou seja, entre os gêneros e o consumo, da parte dos formatos, articula memória discursiva e gramáticas para leitura dos gêneros e dos discursos.

Essa instância do processo é mediada pela *socialidade ou sociabilidade*, “[...] gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta nos modos e usos coletivos de comunicação [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2003, 17). O espaço da socialidade é onde os receptores se firmam como sujeitos a partir da diferenciação com o ‘outro’, alimentado, por exemplo, pelo jornalismo e reelaborado pelos grupos sociais. É o local de devolução para a sociedade (ou para as culturas vividas) do que vem da mídia, que, por sua vez, já saiu em parte dessas mesmas culturas. Nos estudos de jornalismo, isto significaria deter-se na identificação de como esses grupos sociais se inscrevem no produto do jornalismo e como interferem na sua produção.

Por fim, o momento da *matriz cultural*, é entendido não como o arcaico, mas como o residual, isto é, o que sobrevive do passado e que se manifesta hoje. O estudo das matrizes que agem no fazer jornalístico permite compreender tanto a origem histórica da forma como se dá o processo produtivo (relações de trabalho, hierarquias, funções, rotinas, fluxos...), como a dos formatos (materializados nos distintos gêneros), bem como os valores-notícia (calcados no que é praticado e aceito pelo social e dentro da cultura como “notícia”, nos limites do que pode circular dentro de cada cultura e dentro de uma cultura universal ou global)⁹.

9 O relato de Robert Darnton (2010) é paradigmático a esse respeito.

Assim, segue uma proposta para a aplicação do *mapa noturno* nos estudos de jornalismo:

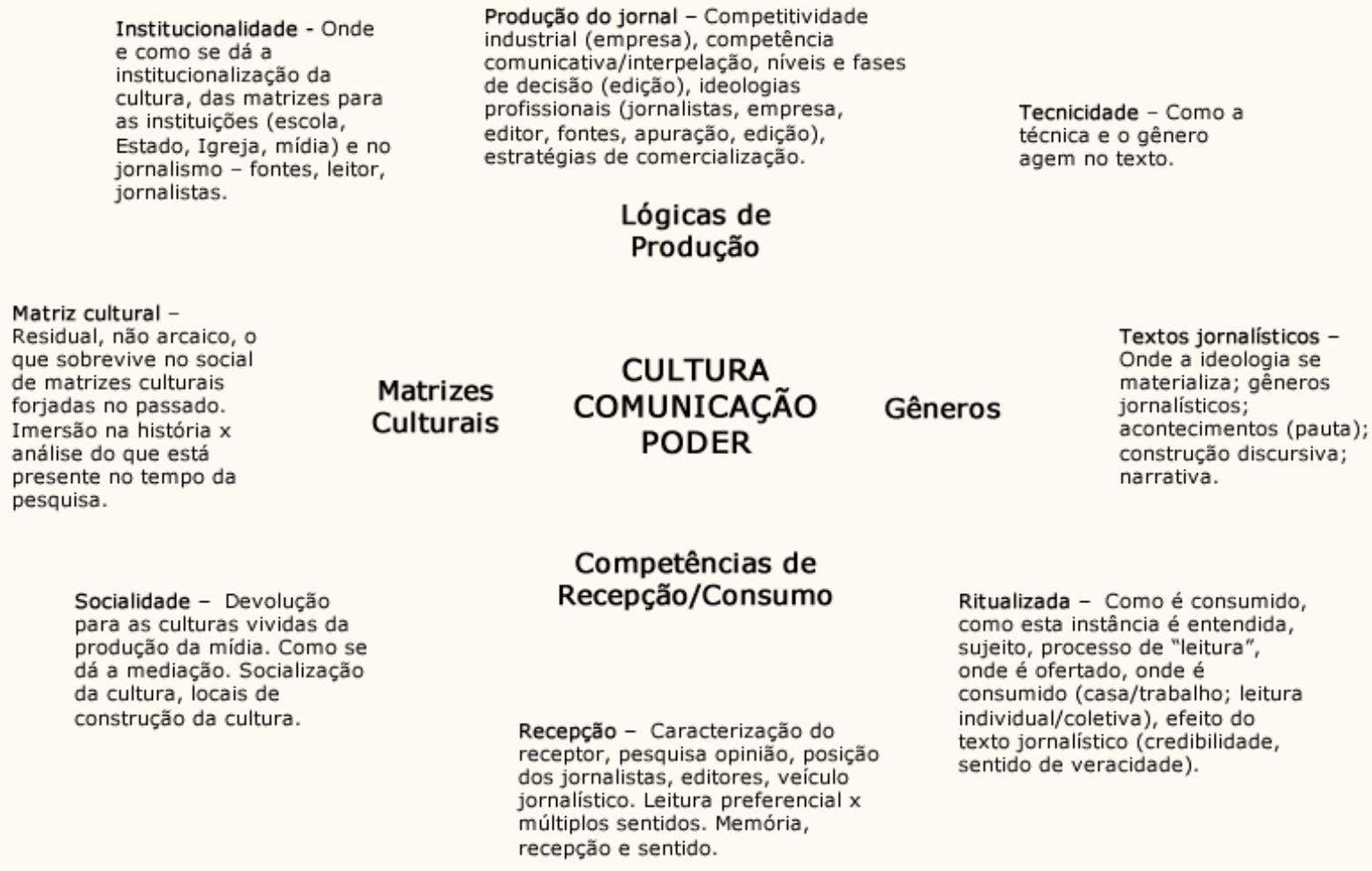


Figura 2: Proposta metodológica para o estudo do jornalismo

Fonte: FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008 (Série Conhecimento, 46). Disponível em: <http://www.unisc.br/porta1/pt/editora/e-books/61/jornalismo-e-identidade-cultural-construcao-da-identidade-gaucha-em-zero-hora.html>. Acessado em: 04 jun. 2012.

Enfim, a proposta das mediações destaca o papel crucial da dimensão simbólica que está no centro da vida social. Além disso, trata-se de um protocolo analítico que permite analisar as especificidades de cada momento e elemento envolvidos no circuito comunicativo como um todo, sem predeterminar como as relações entre eles são constituídas e indicando, fundamentalmente, que os sentidos são produzidos em diversos momentos do circuito.

Cabe, ainda, ressaltar que existem outros protocolos que também reivindicam uma visão da totalidade do processo comunicativo. Entre eles, a proposta de Deacon et al (1999) e o circuito da cultura, de Johnson (1999). Este último reflete sobre o processo cultural - e por extensão é possível pensar o processo de produção da cultura midiática e do jornalismo - a partir de todos os momentos, representados graficamente num círculo e denominados por ele de textos (formas), leituras, culturas vividas (relações sociais) e produção¹⁰.

Considerações finais

Levando em conta que o que se pretende é a constituição de uma perspectiva cultural de análise do jornalismo e que esta, no nosso contexto, ainda é bastante rarefeita, neste momento, arrolaram-se apenas algumas proposições que podem contribuir para avançar neste debate. Em primeiro lugar, diante do crescimento e da maturidade que os estudos de jornalismo vêm tendo nas últimas décadas no Brasil, identificou-se a necessidade de ampliar os horizontes desses estudos, tal qual vem sendo praticados, e reconhecer a pertinência deste outro tipo de análise.

Nessa abordagem, o jornalismo é entendido tanto como uma instituição quanto como uma atividade ou prática social, estruturada num contexto econômico, político e social, que não apenas condiciona seu exercício como também sofre sua ação. Nesses termos, tal prática é dotada de conceito histórico variável, conforme o período. Juntamente com esse aspecto, compreende-se que, embora o jornalismo se estruture como uma prática regular e ganhe corpo na redação por meio de suas condições produtivas e institucionais, através da ação de seus principais atores, os jornalistas, é também junto ao público que os sentidos postos em circulação adquirem “efetividade política” (HALL, 2003, p. 368).

10 No caso específico de sua aplicação ao jornalismo, identificamos três estudos que se valem dele: V. Santi (2009), A. Strelow (2010), C. Weber (2011) e J. Dalpiaz (2013).

Em segundo lugar, avaliamos que, apesar da existência de uma discussão a respeito das contribuições, bem como das limitações da proposição teórico-metodológica de Martín-Barbero no contexto da pesquisa em comunicação, ainda cabe retomá-las e incorporá-las especificamente nos estudos de jornalismo. Estes ainda não incorporaram esse aporte teórico com fluência. Nesta ocasião, optamos pelo modelo de Martín-Barbero por se revelar complexificador e por se referir em particular ao processo de comunicação e, desta forma, possibilitar uma abordagem integral do jornalismo (ESCOSTEGUY, 2012). Do nosso ponto de vista, a reivindicação de uma análise cultural do jornalismo é mais um desafio teórico do que efetivamente um modelo metodológico a ser seguido.

Em terceiro lugar, é fato a extrema escassez de investigações de jornalismo que levem em conta modelos teóricos que contemplem o circuito comunicativo, assim como é quase inexistente o debate de tais aportes na formação acadêmica do jornalista. Uma proposição possível seria a incorporação desse olhar teórico-metodológico do circuito comunicativo/cultural no conteúdo da disciplina de Teoria do Jornalismo, tanto em nível de graduação, como nos programas de pós-graduação em Comunicação e em Jornalismo. É claro, naqueles em que tal disciplina está presente.

Referências

BERGER, C. "Crítica perplexa de intervenção e de denúncia: a pesquisa já foi assim na América Latina". *Intexto*, Porto Alegre, v. 2, n. 6, jul.-dez.1999. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3386/4316>. Acessado em: 2 jun. 2012.

BERGER, C. "O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico". *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/14/14>. pdf. Acessado em 27 jun 2012.

DALHGREN, P. "Introduction". In: Dalhgren, P.; Sparks, C. (eds.) *Journalism and popular culture*. Londres: Sage, 1992.

DALPIAZ, J. G. *Representações do Brasil na imprensa britânica: uma análise cultural do jornal The Guardian*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DARNTON, R. "Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica". In: DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 76-109.

DEACON, D.; FENTON, N.; BRYMAN, A. "From inception to reception: the natural history of a news item". *Media, Culture & Society*, Londres: Sage, vol. 21, 1999.

ESCOSTEGUY, A. C. *Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Disponível em: http://www.autenticaeditora.com.br/autentica/cartografias_dos_estudos_culturais_-_uma_versao_latino-americana/41. Acessado em: 9 ago. 2012.

ESCOSTEGUY, A. C.; JACKS, N. *Comunicação & recepção*. São Paulo: Hackers, 2005.

ESCOSTEGUY, A. C. "Jornalismo e Estudos Culturais". In: GOMES, I. (org.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: EDUFBA, 2012.

FELIPPI, A. C. T. "Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora". Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008 (Série Conhecimento, 46). Disponível

em: <http://www.unisc.br/portal/pt/editora/e-books/61/jornalismo-e-identidade-cultural-construcao-da-identidade-gaucha-em-zero-hora.html>. Acessado em: 04 jun. 2012.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003.

JOHNSON, R. "O que é, afinal, estudos culturais". In: SILVA, T. T. Da S. (org.). *O que é, afinal, estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KNEWITZ, A. P. *A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de zerohora.com*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25631/000753186.pdf?sequence=1>. Acessado em: 31 out. 2012.

MACHADO, E. "Dos estudos sobre o jornalismo às Teorias do Jornalismo: três pressupostos para a consolidação do Jornalismo como campo do conhecimento". *E-Compós*, vol. (1), 2005, Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/ELIASMACHADO.pdf>. Acessado em: 27 jun 2012.

MACHADO, E. "A pesquisa brasileira em jornalismo (1987-2007): um balanço 20 anos depois da publicação de *O Segredo da Pirâmide*". In: AMARAL, M. F. (Org.). *Olhares sobre o jornalismo*. A contribuição de Adelmo Genro Filho. Santa Maria: Facos Editora, 2007.

MARQUES DE MELO, J.; MOREIRA, S. V. *Brazilian journalism: the state of research, education and media*. *Journalism*, London, v. 10, 2009.

MARQUES DE MELO, J. "Pensamento jornalístico: a moderna tradição brasileira". *INTERCOM*, São Paulo, v. 30, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. *Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. México/Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

RONSINI, V. "A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção)". In: JANOTTI Junior, J.; GOMES, I. (orgs). *Comunicação e estudos culturais*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTI, V. J. C. *As representações no circuito das notícias: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no jornal Zero Hora*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

SILVA, E. M. "A pesquisa em jornalismo no Brasil (1900-2006): dos estudos isolados à constituição como campo científico com estatuto próprio". In: MELO, J. M. (Org.). *O campo da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, A. de V. *Afinal, o que a classe média quer ver no Jornal do Almoço? Um estudo de recepção junto a telespectadores-gaúchos*. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SODRÉ, M. "O jornalismo como campo de pesquisa". *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/13/13>. Acessado em: 25 jun. 2012.

STRELOW, A. *Análise global de processos jornalísticos: uma proposta metodológica*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. "Introduction: on why and how we should do journalism studies". In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. (orgs) *The handbook of journalism studies*. Nova York: Routledge: 2009.

WEBER, C. H. *O relacionamento dos jornais impressos hegemônicos das Regiões Central e do Vale do Rio Pardo/RS com os leitores e com o território*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2011. Disponível em: <http://btd.unisc.br/Dissertacoes/CarinaWeber.pdf>. Acessado em: 25 jun. 2012.

WILLIAMS, R. "Culture is ordinary". In: GRAY, A.; MCGUIGAN, J. (orgs). *Studying culture*. London: Arnold, 1993.

ZELIZER, B. "Journalism and the academy". In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. (orgs). *The handbook of journalism studies*. Nova York: Routledge, 2009.